

## *Educação e produção de subjetividades da intolerância: as novas fronteiras da intolerância com a Umbanda*

Sidney Nilton de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, procura-se entender como as religiões conservadoras e fundamentalistas, especialmente as neopentecostais, oprimem e destituem a umbanda, nos fóruns tradicionais e contemporâneos. A produção de uma subjetividade da intolerância instituiu-se por práticas hedonistas e alinhando-se também a cultura consumista hegemônica e individualista. Tomando a Umbanda como alvo e cenário onde ocorre e se edifica a intolerância religiosa e a violência contra o universo simbólico de um sagrado emancipador que permite compreender como atuam as formas de subjetivação atuais e como manter possível um resgate da ancestralidade que seja, ao mesmo tempo, resistência e enfrentamento de uma cultura do individualismo e do espetáculo. O ciberespaço tornou-se uma nova fronteira de uma educação conservadora ancorada na propagação de um fundamentalismo conservador e de uma guerra por um sagrado não sexual e monolítico. Nessa perspectiva há um alinhamento em rede das novas formatações da produção das subjetividades da intolerância. •

**Palavras-chave:** educação e subjetividade, intolerância e ciberespaço, psicanálise e religiosidade.

### **Education and production of subjectivities intolerance: The new frontiers of intolerance to Umbanda**

**Abstract:** This paper seeks to understand how the conservative and fundamentalist religions oppress and deprive Umbanda electing paradigms and hedonistic practices to align with the current consumerist culture where pleasure is maximized and suffering or denied emphasizes the guilt of those who erred. Taking Umbanda like setting where it occurs is built on religious intolerance and violence against the symbolic universe of an emancipatory sacred act that allows us to understand how the current forms of subjectivity and how can maintain a ransom of ancestry that is at the same time, strength and coping a culture of individualism and spectacle. Cyberspace has become a new frontier of coping with the spread of Umbanda and conservative and aligned the new formatting of the production of subjectivities intolerance of fundamentalism. Facing a sex sacred and the autonomous organization of the family became the great banner of dismissal and disqualification of Umbanda nowadays.

<sup>1</sup> Inspirado na comunicação oral *O sofrimento na Umbanda e a ilusão hedonista na contemporaneidade: Reflexões Psicanalíticas*, Anais do II Encontro do GT Religião e Religiosidades e da 40. Semana de História, Ponta Grossa, 2011c.

<sup>2</sup> Pós-doutor em Economia da Educação (FE – USP), Doutor em Psicologia Social (IP – USP), Coordenador do Curso de Psicologia (UFPR), Diretor do Laboratório de Estudos Freudomarxistas, Membro do Grupo de Estudos de Psicologia Política da UFC, Membro do Grupo de Pesquisa de Etnopsicologia (USP-RP), Membro de Grupo de Pesquisa Filosofia da Psicanálise (PUCPR), membro do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura e Diversidade, Professor do Mestrado em Psicologia (UFPR). [sidney@ufpr.br](mailto:sidney@ufpr.br)

**Keywords:** education and subjectivity, intolerance and cyberspace, psychoanalysis and religion

*Recebido em 04/08/2014 - Aprovado em 27/08/2014*

### ***Questões introdutórias***

A existência humana é a história de suas relações sociais e de seu desenvolvimento na Terra e no Espaço - é a história do trabalho e das formas de poder utilizadas nesse contexto. A tecnologia e as novas fronteiras carregam em sua formatação e dinamismo as contradições da sociedade que as forjou.

O ciberespaço, ao mesmo tempo, reproduz a vida material e desenha dimensões e discursos com seus parâmetros próprios. A virtualidade é atravessada por nossos fantasmas e gozos, mas sua especificidade é tamanha e tão complexa que por vezes admitimos que cria e recria os seus próprios sintomas.

Na contemporaneidade a educação não se resume a formação escolar. Educa-se o tempo todo, pois como ser inconcluso o homem redefine-se a cada segundo. Nos rastros da internet a aprendizagem incluiu novas fronteiras e incorporou novas linguagens. O que permanece, embora com modelos diferentes, são os embates e os confrontos entre as práticas fundamentada nas críticas libertárias frente a novos e antigos conservadorismos.

Templos tradicionais da cultura, da arte e da religião tiveram que abrir-se as novas estéticas. Não foi diferente no campo religioso, tanto na divulgação e propaganda como no enfrentamento e na intolerância. A novidade mais legítima dos últimos tempos neste campo, provavelmente foi o retorno do ensino religioso as escolas públicas ou privadas e a retomada de antigos conflitos no meio virtual com as práticas fundamentalistas.

Se as fronteiras entre a realidade e suas representações virtuais tornaram-se mais simbióticas e menos contrastantes nas ultimas décadas, esta fronteira semiótica, social e, sobretudo, econômica se tornou uma das frentes mais destacadas da intolerância religiosa. Universo plástico de uma realidade líquida o ciberespaço tornou-se o outro lado da moeda dos obreiros e pastores presenciais. A intolerância invisível conecta os signos manipulando as práticas sociais e reproduzindo o ambiente mediado pelos valores e ideologias fundamentalistas.

### ***Algumas contribuições da Psicanálise***

Optou-se neste trabalho pela escolha de uma leitura psicanalítica que dê conta do campo social e também da religiosidade para que, a partir daí, instrumentalize uma compreensão da cultura consumista na contemporaneidade, onde o prazer é maximizado e o sofrimento negado ou evitado a todo custo.

Ressaltamos aqui que a perspectiva da psicanálise aqui adotada vai contra a posição conservadora e reducionista hegemônica no campo da clínica e no campo social. Conforme afirmamos em trabalho anterior (Oliveira, 2010: p 34-35)

Há na psicanálise contemporânea ainda certa resistência com determinados temas e contextos. Tranca-se a psicanálise nos muros imediatistas do consultório e a prática dirigida a poucos. Existe entre alguns psicanalistas e, infelizmente, entre algumas instituições de Psicanálise uma posição ideológica e política que se mostra conservadora, reducionista e elitista e que se recusa a mudar e engessa sua visão (...). Além de escolher seu público, essa leitura da psicanálise também escolhe as angústias e privilegia as estratégias de enfrentamento que julga ser mais convenientes. Rompe-se aqui com uma ética *parroquial*, onde se instituía uma psicanálise voltada às classes dominantes e a uma realidade cada vez menos factível. Esta leitura da psicanálise entende-se que é o melhor instrumento para a investigação a ser feita. Optou-se por uma psicanálise que dê conta do campo social, distanciando-se da leitura ideológica e conservadora...

Podemos afirmar, a partir daí que a psicanálise como teoria e método de pesquisa ainda tem dentro e fora da academia questionamentos sobre de que lugar pode falar. As leituras de Freud da cultura e do mal estar são importantes não só para a posição em que se coloca a religião como também pra compreender como um líder messiânico sustenta sua tirania e inspira a intolerância em seus seguidores..

Apesar de ser a universidade um continente privilegiado para essa discussão, ainda existe considerável resistência em determinados temas sociais ou culturais como objeto de estudo e pesquisa da psicanálise.

Há divergências também entre as *escolas* de psicanálise sobre como apreender os campos e as conexões da psicanálise sem distorcê-la ou sem perpetuar a interpretação de uma linha hegemônica sobre outras.

Com raras exceções, é na academia que prevalecem as leituras mais ortodoxas e conservadoras à psicanálise *extramuros* ou em extensão. Apesar disso, ignoradas as estratégias de reserva de mercado ou de retaliação o que sustenta a escolha desse instrumento é a inegável vocação social da psicanálise como tantas vezes ressaltou o próprio Freud (OLIVEIRA, 2010).

A partir dessas ponderações e dos recentes atos de intolerância religiosa e afronta aos direitos fundamentais da pessoa humana que ocorreram nas principais cidades brasileiras e levando-se em conta a complexidade e a riqueza do patrimônio cultural e da religiosidade brasileira, escolheu-se como pano de fundo dos questionamentos a Umbanda, por ser uma religião brasileira e que se constituiu a partir dessa diversidade.

Parte-se, portanto, neste trabalho, da psicanálise como instrumento fundamental de apreensão e compreensão da produção de subjetividades da intolerância seja nas praticas educativas formais, informais ou não formais.

Nesse sentido as estratégias tradicionais ou protagonistas de interditar um sagrado emancipador apelam a mesma ilusão hedonista, pois embora recorram a distintas tecnologias para diferentes públicos objetiva-se demonizar, desmontar ou esvaziar o simbólico e o imaginário da Umbanda.

### ***A produção de subjetividades da intolerância***

A fronteira virtual, antes continente de episódios intermitentes e desorganizados, ganhou nos últimos anos importância impar para os intolerantes e para os fundamentalistas. Mais além das redes sociais, blogs e sites de propagação das teses fundamentalistas e fascistas, o ciberespaço constituiu-se em fronteira de conquista de território e de combate aos infiéis.

No âmbito desses atos de violência e de afronta aos direitos fundamentais da pessoa humana há um processo de opressão alicerçado no estranhamento do universo simbólico outro.

As subjetivações de uma igualdade na diversidade são aprisionadas no labirinto da massificação e no calabouço da mediocridade. A civilização do espetáculo e do hedonismo interdita a representação do simbólico e oprime ora por recalque, ora pela repressão.

O golpe final de toda opressão é a identidade coletiva. É a identidade a voz de um povo e o que permite que a palavra conte a sua história. Uma das últimas e decisivas fortalezas a capitular do campo religioso existe com a interdição de seus símbolos sagrados e se efetiva na ruptura com a ancestralidade.

É pela opressão presencial e, cada vez mais, virtual, que uma religião hegemônica ou economicamente e politicamente influente impede a representação contra hegemônica do sagrado e interdita a uma parte importante da história e da identidade de um povo. Ao calar o corpo e a voz se reifica, por meio da repressão a religiosidade, as relações com a natureza e as relações entre homens e mulheres e crianças.

Em uma contemporaneidade consumista as estratégias de reserva de mercado e os argumentos passionais e corporativistas interditam o diálogo e valorizam as discussões parciais. E assim um campo de pesquisa é constituído, ignorado ou negado.

Esse impasse também existe na palavra que consegue circular dentro das instituições e das redes e fronteiras virtuais. As posições conservadoras e tradicionais determinam o que se pode e como se pode estudar dentro de cada referencial teórico metodológico. E assim se fecha o círculo e a palavra é enclausurada.

Assim como aconteceu com o *bullying* na escola, a virtualidade ampliou as possibilidades de violência, e sua prática, na maior parte das vezes, pode ser escondida pelo anonimato ou pela impossibilidade de reparação. A especialização ou organização estratégica do (ciber) terrorismo ou das variadas formatações da violência simbólica era questão dos filhos da intolerância crescerem e começarem a herdar o controle das novas fronteiras.

A fronteira do ciberespaço trouxe novas e complexas formatações de representação do real. A subjetividade produzida sob a égide do hedonismo agora é tomada como nova estética da opressão e manipulação. Juntamente com a questão sexual

a questão religiosa se tornou motor de tribos e guerras nessa complexa fronteira de *velhos novos soldados*.

Os fundamentalistas se aperfeiçoaram e as performances teatrais dos pastores das praças do centro da cidade ainda têm serventia, mas não chegam nem perto da dinâmica dos meios de comunicação de massa e da guerrilha virtual. Com raras exceções a Umbanda ainda luta para poder ser considerada religião até por juízes de direito.<sup>3</sup>

Perpassando toda essa opressão, há no campo da cultura e, recentemente da religião, um crescimento do fundamentalismo sob a égide de um neoconservadorismo sectário e intolerante. Multiplicam-se a cada dia as mais bizarras formas de violência sexual, cultural ou religiosa. Os chamados crimes de ódio se intensificam em um claro contra ponto ao mito da igualdade racial e da democracia cultural e religiosa.

Tomada em seu aspecto cultural ou da constituição mais genuína de seu sagrado, a história do Brasil poderia muito bem ser contada pelos terreiros de Umbanda. Fundada pelo proletariado espiritual a Umbanda surgiu em uma época de reencantamento com a nacionalidade, incluindo a instituição ou a resistência de mitos e heróis locais. Cabe aos terreiros e barracões levar o culto aos orixas pelas mais diferentes dimensões do ciberespaço e oferecer aos mais jovens a possibilidade de resgatar sua ancestralidade e partilhar de um sagrado que nos dignifique e respeite como seres sexuais e incompletos.

### ***O campo religioso e a cultura hedonista da contemporaneidade***

Desde o começo da educação seja familiar, seja escolar, presencial ou a distancia, materializada ou virtualizada, inicia-se uma retórica objetivando que as pessoas possam estar cada vez mais conscientes do papel a desempenhar. Esta persuasão vem travestida de modernidade e reclama um estado de exclusividade.

As pessoas são condicionadas a serem submissas ao que é hegemônico e atende aos que detém o controle ideológico e político na sociedade. Por algum tempo o ciberespaço parecia quase imune a opressão fundamentalista das igrejas neopentecostais e dos ideólogos fundamentalistas ou hegemônicos. Rapidamente esses grupos não somente se organizaram como foram se tornando especialistas e referências em opressão e intolerância virtual.

Segundo Michael APPLE (2010, pg. 68):

de comum acordo com elementos neoconservadores dentro da aliança conservadora, os ativistas religiosos populistas e autoritários têm tido influência substancial na política e prática do currículo. Para eles, somente recolocando no centro do palco as questões de autoridade, família, igreja, e “decência” é que as

<sup>3</sup> Em Curitiba (PR) o Terreiro do Pai Maneco, um dos maiores do Brasil, tornou-se uma referência e uma exceção, pois possui mais de três mil médiuns associados, tem um site ativo com milhares de visitas, blogs, grupos de discussão virtuais, jornal, editora, twitter, escola de formação, sede própria, lojas, grupos acadêmicos e não acadêmicos de pesquisa, além de ter influenciado ou contribuído para a abertura de diversas de casas no Brasil e no exterior. Tem atuação importante em uma cidade conservadora e esteve presente em várias lutas políticas e sociais da comunidade. Não reflete nem de longe a realidade da maior parte dos terreiros e barracões.

escolas podem superar a decadência moral tão evidente à nossa volta. Só retomando a visão infalível dos ensinamentos bíblicos e alimentando (ou impondo) nas escolas um clima onde esses ensinamentos recebem uma ênfase renovada é que nossa cultura pode ser salva....

Com os mais jovens os efeitos dessa nova fronteira de combate parece ainda mais devastador. Adaptado as formas de expressão e signos privilegiados neste campo as diversas formas de intolerância e violência foram produzindo estragos bem maiores que o microfone do exaltado pastor da igreja no centro das cidades.

O ciberespaço seja para defender ou divulgar teses hegemônicas, fundamentalistas ou neopentecostais ou como fronteira de combate, perseguição ou conquista rompe com a distância e a recusa por novos meios e novas linguagem. Muito pelo contrário busca alinhar-se ao contemporâneo e as novas gerações, oferecendo as ilusões necessárias para que se possam negar as novas formatações do mesmo mal estar.

Longe de abandonar os métodos tradicionais de enfrentamento, esses grupos incorporaram a fronteira jovem onde podiam trabalhar mediados pelos símbolos da atualidade. Travestidos de surfistas, roqueiros ou *blogueiros* os novos soldados passaram a criar ou policiar as mídias sociais revigorando a aliança das religiões conservadoras com a sociedade de classes e sua cultura consumista e hedonista.

A marca da civilização atual é a cultura do espetáculo e a ideologia da *performance*. Maximiza-se o prazer e se nega a falta. A subjetivação é reforçada de acordo com a hegemonia dominante e a opressão exercida pelo recalque e pela interdição do imaginário e do simbólico do oprimido.

A sociedade atual tem suas contradições e seus espaços de resistência. Embora a lei não seja igualmente aplicada, há uma democracia política que permite pequenos avanços na luta pelos direitos humanos. Os projetos coletivos de alteridade e igualdade na diversidade são constantemente esvaziados pelos opressores.

Anseia-se por estabelecer uma verdade que como um farol possa guiar as pessoas pela rota mais adequada, segundo, evidentemente o ponto de vista dos beneficiados pelo modo de produção capitalista. Ao contrário de outros tempos a legitimação dessa verdade se faz de modo sutil e, na maioria das vezes, subjetivo. Cada pequeno gesto reforça, pune e institui um simbólico e um imaginário convenientes ao poder hegemônico.

Não é de hoje que a elite dominante sabe que a educação prepara o homem para aceitar, rejeitar ou criticar a sociedade em que vive. Porém, na fase anterior o capitalismo não exigia mão-de-obra qualificada e analfabetismo era confortável as elites. Situação essa modificada pelas recentes crises transnacionais e pelas novas estratégias do capitalismo internacional.

Tal processo revela toda a vulnerabilidade do indivíduo aos engodos e fantasmas psicossociais, pois os grupos, instituições e organizações assumem, na maioria das vezes - na sociedade classista - o papel de representantes ou realizadores desses engodos. A grande estratégia capitalista foi a de legitimar cotidianamente e nos mais diferentes meios e modos cada etapa desse processo de opressão e dominação.

A ética hedonista pretende dar conta da lógica consumista e, ao mesmo tempo, oferecer-se simbólica e imaginariamente como meio privilegiado de produção dos objetos de desejo.

Se os atos mais grosseiros chamam atenção, as formas mais sutis de controle e de opressão passam quase despercebidas. O desmonte da identidade passa pela interdição do simbólico, esvaziando o imaginário e inviabilizando o sagrado de um povo. No Brasil esse processo acompanha os índios e os negros desde a colonização e acompanha todo patrimônio imaterial que foi construído até os dias atuais.

O avanço de muitas religiões, sobretudo neopentecostais e de adeptos mais conservadores das religiões hegemônicas articulou uma opressão cada vez mais regular sobre as religiões de matrizes africanas e indígenas. Segundo Refkalesky (2006, p. 3-5):

Se a estratégia da Iurd pudesse ser resumida em uma frase, seria o mencionado “posicionamento contra a Umbanda”. [...] O que a Universal faz é manter essas mesmas características da Umbanda na doutrina e na prática. Porém, faz um juízo de valor entre o trabalho “bom” (feito pela própria Iurd) do “mal” (feito nos terreiros). A Comunicação da Iurd, portanto, apresenta um discurso de aceitação da existência deste mundo mágico, típico da Matriz Religiosa Brasileira. Com isso, não se opõe às crenças da maioria da população do País, como havia feito o protestantismo tradicional.

As cruzadas neopentecostais contra o patrimônio imaterial umbandista influenciou decisivamente alguns dos inúmeros atos de violência contra os terreiros, contra seus praticantes ou contra seus símbolos (OLIVEIRA, 2010; 2011). Mesmo nas instituições travestidas de contemporaneidade e alinhadas simbólica e imaginariamente aos mais jovens, há diversas formas de censura e de justificar práticas e educativas sedutoras ou retóricas que necessitam tempo e estratégia para efetivar seus efeitos.

Evidentemente, esse processo não se reduz ao campo religioso, pois o estado acaba envolvido em muitos casos por ação ou por omissão. Quando os aparelhos ideológicos do estado não se associam a essa opressão, parecem criar diversos empecilhos no registro e na consequente responsabilização criminal desses atos.

Por isso, embora sejam fartamente documentadas as violações dos direitos civis, da liberdade religiosa entre outros ainda não é possível precisar os danos causados ao patrimônio cultural imaterial brasileiro por conta da intolerância de determinados sacerdotes e de seus seguidores.

Na civilização arquitetada a partir do capital utiliza-se dessa condição para seduzir os indivíduos, os grupos, instituições e organizações, convertendo-se em uma referência idealizada para as ilusões individuais e coletivas.

O prazer tem que estar presente o tempo todo e o sofrimento é tomado sob a resignação de um desígnio divino ou destino imutável ou ainda pode ser visto como sinônimo de fracasso social ou incapacidade pessoal. A maior parte das religiões atua como importante aliado no reforçamento dessa ideologia

Na contramão dessa ideologia, a Umbanda, desde sua oficialização em 1908, registrou avanços e retrocessos tanto no que se refere a sua influencia cultural e política como no numero de adeptos. Mas a intolerância religiosa e a parcialidade de determinados registros dificultam precisar o impacto dessa opressão na Umbanda atual.

Aproveitando-se das antigas armadilhas ideológicas e léxicas e do estranhamento do imaginário da Umbanda ressaltou-se ainda mais a interdição simbólica da Umbanda. Em trabalho anterior, ressaltamos os processos de demonização dos Exus e a prostituição das Pombas Giras, sem falar do reducionismo caricaturista com a história e o significado dos Pretos Velhos.

### ***A ética de um sagrado sexual como questão***

A Umbanda colocou tanto o prazer como o sofrimento em uma perspectiva antagônica a católica, pentecostal e, sobretudo, neopentecostais. Como já foi dito anteriormente (Oliveira, 2010; 2011), há no simbólico e no imaginário umbandista a utopia de um sujeito que pode dar vez e voz a sua vida, ao seu prazer e ao seu sofrimento, tornando possível uma escuta no campo religioso.

Nas redes sociais e nos grupos e nos diferentes espaços de discussão da internet o grande desafio neopentecostal e das demais leituras religiosas conservadoras foi o enfrentamento de uma ética que pensasse possível um sagrado sexual. A renúncia religiosa ao controle sexual determinaria uma perigosa autonomia as pessoas. Que, numa perspectiva freudiana, escolheriam a ilusão mais conveniente e, sobretudo menos infantilizadora.

Embora em diferentes condições de recursos e organização, sustentar um sujeito que destitui as qualificações de gênero para seu amor e para a sua angustia e se recusa a ter sua sexualidade ou sua família formatada por fundamentalismos messiânicos dominou a maior parte dos debates no ciberespaço deste novo século.

O prazer e a angustia não são tomados na Umbanda a partir da culpa e do pecado original, mas como um dos componentes possíveis e prováveis da vida humana que também apresenta momentos de prazer, vinculados ora as ações do sujeito, ora a condições que escapam desse mesmo sujeito.

Apesar das influencias espirituais a decisão final do sujeito cabe ao sujeito que toma seu destino nas mãos e se responsabiliza por suas decisões. Mesmo em casos de má influencia entende-se que são somente possíveis quando o sujeito baixa seu próprio campo vibracional.

A lei de causa e efeito representa a radicalidade tomada em sua essência por aquele que lida com a satisfação ou frustração de suas ações. Semelhante a diversos protocolos

que se segue em diversos campos da saúde a resolução começa com o compromisso do próprio sujeito com o enfrentamento de seu sofrimento. Cabe ao sujeito implicar-se no processo que, geralmente começa com a consulta com uma entidade (incorporada em um médium) e passa pela decisão pessoal em assumir o árduo trabalho dessa transformação.

O papel ativo do sujeito nesse contexto edifica uma saída completamente diversa da armadilha hedonista presente nas ilusões privilegiadas na sociedade atual e presentes no campo religioso que faz da culpa e do pecado artifícios para negar a autonomia do sujeito e reforçar as saídas ideologicamente convenientes a seu status-quo.

Dai o caráter estratégico e vital das mídias e meios virtuais. Ergue-se aqui uma das razões de tanto esforço, dedicação e construção de competências no ciberespaço. Vencido o combate nessa fronteira a ilusão hedonista se renova e se perpetua o que existe de mais conservador e reacionário na sociedade.

Na contramão dessa perspectiva há um cenário cultural que resgata o sujeito em sua ancestralidade e oferece um continente dentro do campo do sagrado onde é possível sustentar representações proativas e colaborar para reconfiguração de foco e de escolhas, apesar do sofrimento e dos fatores que o desencadearam.

As entidades da Umbanda manifestadas no transe das incorporações ou nas mensagens dos pais e mães de santo ocupam diferentes papéis de facilitação ou mediação do crescimento e maturidade existencial do sujeito. Possibilitar o resgate com a autoria das próprias ações é ponto comum entre Pretos, Caboclos e Erês.

A intervenção precisa e direta e, por vezes, analítica do Exu ou a ponderação quase mítica de um boiadeiro se efetuam sob a égide do livre arbítrio e do respeito autodeterminação das pessoas e visam contribuir para que no projeto pessoal possa ser possível a assunção subjetiva e a emancipação política.

É nessa cosmologia tupiniquim que índios e negros são emancipados numa cosmologia democrática. Assim, se pode perceber que o caleidoscópio umbandista deu um continente mágico ao oprimido e, a partir dele construiu seu projeto de inclusão social.

### ***À guisa de conclusão***

Pesquisar na academia sobre cultura brasileira ainda é um desafio na academia. As dificuldades de diversas ordens acabam determinando que problema de pesquisa seja considerado.

Nas ciências humanas, especialmente na psicologia, por incrível que pareça, ainda existem resistências quando docentes e discentes resolvem pesquisar ou escrever sobre o tema. Privilegia-se o paradigma clássico, ou seja, o norte-americano e o europeu.

Ao partir do paradigma causa e efeito e da autodeterminação, a Umbanda recoloca o homem e seu sofrimento sob uma perspectiva dialética, permitindo resgatar no campo religioso uma práxis que permite por meio de uma assunção simbólica e imaginária trabalhar as formas de subjetivação contemporâneas e, a partir dessa condição desconstruir e resignificar a história de cada um.

O homem é educado hoje para adaptar-se ao mercado e aceitar a realidade que é conveniente a ideologia dominante. As pessoas da contemporaneidade parecem mutantes desgovernados a esperada próxima crise. Segundo Damasceno (1990):

Não resta dúvida de que o exercício do poder direcional da classe dominante tem-se caracterizado pela opressão das classes dominadas e dirigidas (...). Neste processo de elaboração de uma hegemonia popular, a consciência de classe constitui um dos elementos fundamentais. Assim a luta pela hegemonia é uma luta pela conquista das consciências (...) a consciência possível refere-se ao máximo de conhecimento da realidade que um grupo social pode alcançar num determinado momento, sem alterar a natureza do grupo, ou seja, indica a identificação como classe...

Na sociedade do consumo e do espetáculo a busca frenética do prazer constante é condição desejada e seu oposto sinônimo de fracasso pessoal ou condição fundamental de resignação existencial e de elevação espiritual para diversas religiões. As mais competentes foram as igrejas que perceberam novos índios para converter. O preço continua o mesmo a venda da alma e da consciência e as formas mais diversas de opressão e constrangimento.

Quando a negação ou esquivia do sofrimento deixa de atuar com eficiência e é quase impossível (re) elaborar saídas satisfatórias para o sofrimento é o sujeito abdica de sua autonomia e projetando uma recompensa futura entende seu fracasso como merecimento ou como ato santificador. Nessa perspectiva a mudança pessoal, coletiva ou social nem é cogitada, pois é dada como previamente decidida.

Em tempos de desesperança e resignação e de uma opressão sutil e disfarçada resgatar velhos conceitos de libertação, conscientização e esperança, a educação libertária é capaz de fomentar a alteridade e projetos coletivos de luta por uma sociedade mais democrática.

A cidadania crítica e emancipada passa pela infinita janela que se abre com a educação formal, informal ou não formal. Quando democráticos esses processos permitem a formação crítica transformadora que permite a pessoa conhecer e atuar sobre o mundo a sua volta. Mas para isso é preciso que a pessoa seja capaz de contextualizar e interpretar fatos, Idéias, palavras, atitudes, direitas e deveres, entre outros.

Na promessa messiânica, a ilusão de obtenção da verdade universal e absoluta é acompanhada pelas benesses dos que possuem o controle dos direitos e deveres e constroem paulatinamente uma ética e uma estética unguida na dinâmica do mercado e assim internaliza em cada pessoa a possibilidade efetiva de se atingir a perfeição. Mas esse engodo só cola, será absorvido se falar a linguagem dos homens e dos anjos, isto é, se puder falar de modo adequado na praça ou na virtualidade.

As religiões hegemônicas têm investido em diversas frentes. Questionadas pela psicanálise ou pela psicologia resolveu formar seus terapeutas. Quando sentiram o poder e o efeito do ciberespaço pararam de negá-lo ou amaldiçoá-lo e o converteram. O mesmo havia acontecido com a TV e anteriormente com o rádio.

Todas as estratégias sejam conservadoras ou atuais buscam destituir a crítica, desconstruem a contradição e legitimam a alienação e a conformidade. Seus ritos e liturgias representam simbolicamente sua ideologia quase sempre em sintonia ou conformidade com o hedonismo da sociedade do consumo e do espetáculo.

A ruptura com a tradição religiosa conservadora pela perspectiva umbandista dá voz e corpo ao sofrimento por meio de uma escuta emancipadora permitindo aquele que sofre assumir sua dor e assumir e trabalhar a autoria de seu destino.

Desprovidos da autoria de sua própria história as pessoas tem se resignado com o apocalipse neoliberal. As pessoas se acostumaram com a situação, estar indignado ou ter esperança é, no mínimo, patológico.

Na rede de significantes do imaginário messiânico a *subjetividade* se institui estrategicamente clivada. A história pessoal se edificará levando em conta a negação da falta e a busca infinita pelo prazer constante e absoluto e o sofrimento ocupa um não-lugar quase tão rejeitado quanto a morte e o morrer.

No imaginário umbandista prazer e sofrimento são movimentos dialéticos que circulam num continente que se institui a partir da ação do próprio sujeito que é chamado a assumir sua história e reconciliar-se com seu passado e sua ancestralidade. O que permite ir da assunção subjetiva para a emancipação política e para retomada da autoria dos cuidados com sua saúde física e mental e com seu lugar no mundo (OLIVEIRA, 2009; 2010; 2011).

É por meio do resgate com a identidade coletiva e com a história por meio da ancestralidade resgata simbólica e imaginariamente um lugar possível para uma cidadania emancipadora que é capaz de sustentar uma utopia de mudanças em tempos de desencanto e que se renova no resgate simbólico e imaginário com o que forjou a nacionalidade brasileira

É a partir dessa perspectiva que a subjetividade do oprimido possa ser compreendida em sua riqueza simbólica e, permite a partir daí a construção de um projeto político libertário. E censurar ou controlar autoritariamente o ciberespaço jamais foi a solução.

Por fim, a resistência e a superação da opressão cultural e, sobretudo política são possíveis quando se resgata a história pessoal e a identidade cultural e se sustenta uma utopia libertaria que ao dar cidadania permite que o humano mais oprimido se reorganize e se emancipe.

## Referências

- APPLE, Michael. *Educando à Direita*. Cortez/IPF: São Paulo, 2010.
- BAIRRAO, J. F. M. H. *Subterrâneos da submissão: sentidos do mal no imaginário umbandista*. *Revista Memorandum*, 2,55-67. Site: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/bairrao01.htm>. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- BAIRRAO, J. F. M. H. *Mestres Bantos da Alta Mogiana: tradição e memória da umbanda em Ribeirão Preto*. *Revista Memorandum*, 4, 05-32. Site: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos04/bairrao02.htm>. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CUMINO, Alexandre. *História da Umbanda: Uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 2010.
- DAMASCENO, Maria. *Pedagogia do Engajamento*, Fortaleza, UFC, 1990.
- FERRO, Marc - *História das Colonizações*. Companhia das letras, São Paulo, 1996.
- FREUD, Sigmund (1976). *El Malestar em la Cultura*. In: *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1929.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação*. S. Paulo: UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. S. Paulo: Paz e Terra, 1980.
- GUIMARÃES, Fernando. *Grifos do Passado*. Curitiba, 2006.
- JARES, Xesus. *Educação para a Paz*. Artmed: Porto Alegre, 2003.
- MASSIMI, M. *Palavras, almas, corpos no período colonial*. São Paulo: Ed. Loyola. 2005.
- MANTOVANI, Alexandre. *A construção social da cura nos cultos umbandistas: estudo de caso em um terreiro de Umbanda da cidade de Ribeirão Preto-SP*, 2006.
- OLIVEIRA, Sidney. *A demonização neoconservadora do Exu e sua utopia libertária: reflexões psicanalíticas*, comunicação oral apresentada no VII Congresso Nacional de Filosofia Contemporânea e III Congresso internacional de Filosofia da Psicanálise, PUCPR, Curitiba, 2009.
- OLIVEIRA, Sidney. *Psicanálise e Umbanda: A demonização do exu como interdição simbólica e intolerância religiosa*. *Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 8, Set. 2010*: Florianópolis, 2010.
- OLIVEIRA, Sidney. *Psicanálise, Práticas Escolares e Direitos Humanos*. *Revista Adverbum* 5 (1) Jan a Jul de 2010: pp. 03-09, Campinas, 2010 b.

OLIVEIRA, Sidney. *Psicanálise e Intolerância Religiosa: A interdição do simbólico e o recalque do sagrado da Umbanda*. Anais do GT História das Religiões e das Religiosidades, outubro de 2010, UFSC: Florianópolis, 2011a.

OLIVEIRA, Sidney & BIANECK, Desirée. *A (re) Elaboração da Morte na Umbanda: Reflexões Psicanalíticas*. Revista História Agora, num 11, São Paulo, 2011b.

OLIVEIRA, Sidney. *O sofrimento na Umbanda e a ilusão hedonista na contemporaneidade: Reflexões Psicanalíticas*, Anais do II Encontro do GT Religião e Religiosidades e da 40. Semana de Historia, Ponta Grossa, 2011c.

PAIVA, Geraldo. *Ciência, religião, psicologia: conhecimento e comportamento*. Revista Psicologia e Reflexão Crítica, vol.15 no. 3 Porto Alegre, 2002.

PAIVA, Geraldo. *Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas*. Estudos de Psicologia I Campinas I 24(1) I 99-104 I janeiro – março, 2006.

REFKALEFSKY, Eduardo. *Comunicação e Posicionamento da Igreja Universal do Reino de Deus: um estudo de caso do Marketing Religioso*. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação –INTERCOM - UNB: Brasília, 2006.